

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA APARECIDA

FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JAISSY PEREIRA DA SILVA RIBEIRO

**LIBRAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA MEDIAR A
COMUNICAÇÃO ENTRE OUVINTES E SURDOS**

Aparecida de Goiânia

2019/2

JAISSY PEREIRA DA SILVA RIBEIRO

**LIBRAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA MEDIAR A
COMUNICAÇÃO ENTRE OUVINTES E SURDOS**

Monografia apresentada à Faculdade Nossa Senhora Aparecida – FANAP, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação do professor Esp. Clayton Roberto.

Aparecida de Goiânia

2019/2

Ribeiro, Jaissy Pereira da Silva

R484I Libras como ferramenta pedagógica para mediar a comunicação entre ouvintes e surdos / Jaissy Pereira Da Silva Ribeiro. – Aparecida de Goiânia-GO, 2019

x, 46 f. : il. ; 29 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Nossa Senhora Aparecida - FANAP, Campus Bela Morada, Aparecida de Goiânia, 2019.

Orientador: Prof. Esp. Clayton Roberto.

1. Libras e Surdez. 2. Histórico da Educação do Surdo. 3. A libras como canal de comunicação entre ouvintes e Surdos. I. Título. II. Faculdade Nossa Senhora Aparecida.

CDU 37-056.263

TERMO DE APROVAÇÃO

LIBRAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA MEDIAR A COMUNICAÇÃO
ENTRE OUVINTES E SURDOS

JAISSY PEREIRA DA SILVA RIBEIRO

Esta Monografia foi apresentada no dia 12 como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, tendo sido avaliado e aprovado pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Clayton Roberto

Professor Esp. Clayton Roberto
Orientador – FANAP

Carolina Machado Moreira

Professor (a)– Leitor
M^a Carolina Machado Moreira

Maria Vany de Oliveira Freitas

Professor (a)– Leitor
Dra. Maria Vany De Oliveira Freitas

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente a Deus por ter me capacitado dando sabedoria e saúde para realizar meu sonho, e alcançar meu objetivo de ser uma profissional qualificada.

Agradeço ao meu companheiro Marcos, que me apoiou nesta jornada; aos meus filhos Herick e Cecilya que desde pequenos estão batalhando junto comigo; à minha mãe que nunca deixou de acreditar que um dia eu alcançaria a vitória de me tornar uma Pedagoga, sempre orando a meu favor para Deus me dar graça e sabedoria, aos meus irmãos que estão felizes com minha conquista e têm me ajudado, mesmo que indiretamente.

Agradeço imensamente aos meus professores que sempre tiram o melhor de mim, mesmo quando eu achava que não era capaz: a Luziene, que, para mim foi sensacional me apoiando quando mais precisei e, através de suas consultas pude perceber que Deus colocou pessoas qualificadas e de bom coração para me ensinar.

Ao professor Clayton Roberto que teve a paciência e me orientou com toda clareza, demonstrando na prática como é ter didática e ter a relação professor-aluno.

Agradeço, pois me sinto lisonjeada, ao quadro de profissionais da faculdade FANAP que mediaram o processo de ensino aprendizagem.

Ponto importante sobre o que refletir constantemente na discussão do problema da luta de libertação, e da reconstrução nacional, é o da posição das massas populares como sujeito, também, da sua história (PAULO FREIRE).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONCEITUANDO LIBRAS E SURDEZ.....	11
1.1 O QUE É LIBRAS?.....	12
1.2 CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DA SURDEZ.....	19
1.3 TIPOS E GRAUS DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA	20
2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO SURDO	22
2.1 CONQUISTA NA EDUCAÇÃO PARA SURDOS.....	25
3 A LIBRAS – COMO CANAL DE COMUNICAÇÃO ENTRE O OUVINTE E O SURDO	28
3.1 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS	31
3.2 APRENDIZAGEM DO SURDO	36
4 PESQUISA DE CAMPO.....	43
4.1 OBSERVAÇÕES	43
4.2 QUESTIONÁRIO COM COORDENADOR PEDAGÓGICO.....	45
4.3 QUESTIONÁRIO COM INTÉRPRETE.....	46
4.4 QUESTIONÁRIO COM O PROFESSOR DE LIBRAS.....	48
4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
6 APÊNDICE.....	52
REFERÊNCIAS	60

RESUMO:

O objetivo desta monografia é analisar a Libras como ferramenta pedagógica para mediar a comunicação entre ouvintes e surdos. No contexto escolar, para que o indivíduo possa ter uma inclusão social de forma igualitária, faz-se necessário mencionar a história da educação do surdo, investigando assim como se dá o processo de ensino nas instituições, verificando o uso das metodologias em sala de aula e quais ferramentas são utilizadas para propor o acesso igualitário a fim de existir, assim, uma inclusão social do surdo nas instituições de ensino regular. A pesquisa foi realizada através de referenciais teóricos, bibliografias diversas e pesquisa de campo, nos quais os resultados são considerados qualitativos para o ensino do surdo. As instituições de ensino devem assegurar a esses indivíduos uma inclusão na prática pedagógica, mas ainda estão em processo de adaptação. O objetivo primordial se dá pela necessidade de contribuir no processo ensino aprendizagem com ferramentas pedagógicas. Há grande progresso na perspectiva da inclusão desses educandos que é a acessibilidade ao lazer, cultura e educação, tendo intérpretes em sala de aula, mas, o professor ao aplicar o conteúdo, deveriam partir do concreto junto com os demais alunos. O resultado desta pesquisa é satisfatório visto que o surdo tem tido seus direitos resguardados, e que tem tido grandes conquistas na educação, visto que são recentes essas conquistas, o acesso tem sido implantando aos poucos nas instituições. A inclusão do educando surdo gera respeito à sua identidade e às metodologias adaptadas de acordo com suas necessidades. As lutas da comunidade surda no processo educacional ainda precisam continuar para que as teorias e as práticas educacionais alcancem, de maneira profunda e ampla, as especificidades surdas.

Palavras-chave: Libras. Ferramenta Pedagógica. Mediação.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais - Libras é uma excelente aliada no processo de ensino aprendizagem do educando surdo. Para que haja uma mediação eficaz nesse processo, o professor deve mediar o ensino com ferramentas pedagógicas eficazes. A construção desta pesquisa leva-nos a discutir sobre o conhecimento da Libras, a língua oficial das comunidades surdas do Brasil, tendo como base teórica a Lei Federal nº10.436, de abril de 2002. Foi a partir desta lei que as pessoas surdas conquistaram seu espaço nas instituições de ensino regular. Portanto, o tema desta monografia é “Libras como ferramenta pedagógica para mediar a comunicação entre ouvintes e surdos”. Ela a língua tem que ser aprimorada para que haja aprendizagem dos alunos surdos da mesma maneira que ocorre com os ouvintes.

Esta monografia tem :a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, investigar quais ferramentas pedagógicas podem auxiliar na mediação da comunicação dos educandos surdos, e como se dá a aprendizagem dos mesmos; propor aos educadores que haja um olhar para as diferenças, conscientizando-os das ferramentas adaptadas para o processo de ensino; abordar as concepções do acesso de forma igualitária, discutir as proposta da inclusão do surdo em sala de aula, apresentar algumas características que são fundamentais para iniciação de aprendizagem no contato com essas pessoas surdas através da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais. Objetiva-se levar o leitor a conhecer as ferramentas que auxiliam no processo ensino aprendizagem, pois elas são de extrema relevância. Algumas adaptações precisam ser feitas, práticas pedagógicas nesse processo precisam ser aprimoradas.

Um dos principais problemas que incentivou esta pesquisa tem sido a falta de profissionais com a capacitação, no mínimo básica, referente ao processo de ensino desse educando surdo, pois uma das ferramentas primordiais para o acesso igualitário é a comunicação que se dá entre o ouvinte e o surdo, que pode ocorrer se a pessoa conhecer a Língua de sinais. A Libras é uma língua de suma relevância para comunidade surda, pois é a forma deles se comunicarem com os ouvintes para

aprender a Língua Portuguesa. Visto que se debate muito sobre a inclusão social há necessidade de que todo profissional da educação seja um mediador no processo ensino-aprendizagem. Assim deve-se conscientizar e conhecer as ferramentas, pois nem todo profissional está capacitado para fazer valer os direitos desses educandos.

A pesquisa está relacionada ao acesso igualitário para que haja a inclusão social do educando surdo com a perspectiva de que iremos contribuir no processo ensino aprendizagem.

A relevância da pesquisa realizada é para aprimorar o conhecimento da história do surdo, como se dá a comunicação entre ouvintes e surdos, quais ferramentas pedagógicas podem ser utilizadas nesse processo de ensino.

Para conhecer a Libras e os surdos, o percurso teórico desta pesquisa se baseia nos autores: Quadros (2004), Gesser (2009), Brasil (1997), Leis Federais que foram decretadas em 2002, e outros.

O presente estudo está dividido em quatro capítulos: No capítulo 1, abordaremos a história da educação do surdo, para melhor compreensão faremos menção das definições de surdez, deficiência e deficiente, pois durante muitos séculos o surdo era considerado deficiente. E a língua de sinais considerada como mímicas, no entanto, hoje, os surdos são considerados sujeitos com direitos e que devem ser inclusos na sociedade e na educação.

No capítulo 2, iremos discorrer sobre o que é Libras, para desmistificar que é apenas mímica ou gestos soltos, e tendo a visão de que é essencial conhecermos a Libras – Língua Brasileira de Sinais.

No terceiro capítulo, faremos menção dos tipos e graus da surdez auditiva, a história da educação dos surdos e suas conquistas, a disciplina de Libras no ensino fundamental, como se dão as práticas pedagógicas, e as ferramentas pedagógicas na mediação da comunicação entre ouvintes e surdos são as considerações metodológicas sobre a prática de ensino e aprendizagem da Libras em pleno século XXI.

No capítulo 4, há uma pesquisa de campo realizada na Escola Municipal Rafael Campos onde observei o trabalho lá realizado. Foi preenchido o questionário onde os profissionais que atuam com o educando surdo e, assim, relacionar a teoria com a prática.

1 CONCEITUANDO LIBRAS E SURDEZ

Libras é uma ferramenta visual-motora para mediar o processo de construção cognitiva do indivíduo surdo. A educação do surdo precisa ocorrer para que haja o reconhecimento da cultura e identidade das pessoas surdas, para de modo a contribuir para emancipação desses sujeitos. A Língua Brasileira de sinais (LIBRAS) foi estabelecida, na Lei nº 10.436/2002 (MEC, 2007), como língua oficial das pessoas surdas.

Para Gesser (2009, p.33), “a língua de sinais tem uma organização própria e é autônoma, ou seja, independentemente de qualquer língua oral em sua concepção linguística”. Compreende-se que a língua de sinais tem uma gramática própria sendo autônoma. Destaca-se que a língua brasileira de sinais é uma língua legítima, natural dos surdos, sendo também sua língua nacional. Há estratégias que facilitam o processo de aprendizagem da língua portuguesa para com o educando surdo, com o conjunto de probabilidades (BRASIL, 1997).

A Libras está direcionada a todos os públicos. Inicialmente ela foi pensada para auxiliar a comunicação do surdo para com o ouvinte, mas a Libras pode ser adaptada de acordo com a necessidade do indivíduo. As adaptações podem ser feitas com materiais concretos, sendo alfabeto móvel, livros contendo a Libras, jogos lúdicos, entre outros visual e motores.

Segundo documento do MEC (2007), no Brasil, os primeiros relatos de atendimento a pessoas surdas foram de instituições filantrópicas e associações com avanços na inclusão social dessas pessoas, foi fundada a primeira instituição em 1854 - IBC, Instituto Benjamim Constant, atendimento para surdos mudos, a partir desta teve a INES - Instituto Nacional da Educação dos Surdos.

Uma pessoa surda é aquela que, por ter um déficit de audição, apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado e, portanto, deve construir uma identidade em termos dessa diferença para integrar – se na sociedade e na cultura em que nasceu (SANTANA, 2007, p. 34).

Tais relações são relevantes para construir um sujeito crítico e reflexivo com sua própria cultura.

1.1 O QUE É LIBRAS?

A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) surge em 1977, porém teve o retrocesso por ser coordenada por ouvintes. A luta era para garantir os direitos das pessoas surdas através dos movimentos e lutas sociais. Conquistaram a presidência da antiga FENEIDA em 16 de maio de 1987, onde surge a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos que conceitua a Língua Brasileira de sinais como a língua materna dos surdos brasileiros, que por consequência pode ser compreendida por qualquer indivíduo que esteja interessado na comunicação com essa comunidade.

O gestuno também conhecido como língua de sinais internacional, é da mesma forma que o esperanto, uma língua construída, planejada. O nome é de origem italiana e significa “unidade em língua de sinais”. Foi mencionada pela primeira vez no congresso Mundial na Federação Mundial dos surdos (WORLD FEDERATION OF THE DEAF- WFD) em 1951. Em meados da década de 1970, o comitê da comissão de unificação de sinais propunha um sistema padronizado de sinais internacionais, tendo como critério a seleção de sinais compreensíveis, que facilitassem o aprendizado, a partir da integração das diversas línguas de sinais (GESSER, 2009, p.13).

Os gestos (sinais) na Libras não são apenas gestos soltos, ou mímicas, e sim uma integração de sinais para facilitar a comunicação. A comunidade surda acredita que o gestuno não é língua, pois é inventada e adaptada, mas na atualidade tem cursos oferecidos, os gestunistas divulgam os sinais internacionais em conferências mundiais dos surdos.

As línguas de sinais são naturais porque como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas, devido a sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito- descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato- enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRASIL,1997, p.19).

Essa explanação nos remete ao conceito de que todo indivíduo nasce com uma linguagem o convívio social e que vai desenvolver as interações pessoais facilitando

assim o uso da comunicação. Todo indivíduo tem necessidade de relacionar e expressar, principalmente o surdo. A língua de sinais e também gestos no qual requer do indivíduo a aprendizagem, corporal, emoções, expressão, descritivo, para que haja uma comunicação eficaz, pois, os gestos corporais e uma linguagem, da mesma forma a expressão.

De acordo com Quadros (1997, p.45), todo indivíduo tem sua maneira de comunicar, pois, é inato, sendo assim a perspectiva de desenvolver o mecanismo de linguagem não depende da raça, nem do social cultural como afirma na citação a seguir:

A comunicação é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com o mecanismo da linguagem específicos da espécie, e todos desenvolvem normalmente, independentes de qualquer fator racial, social ou cultural.(SÁNCHEZ apud QUADROS,1997,P.45)

A partir desse contexto é evidente que as línguas orais–auditivas são usadas pelos ouvintes, já as línguas viso espaciais são usadas pelos surdos, porém as duas modalidades de língua são classificadas com regras gramaticais, pois da mesma maneira em que as línguas orais-auditivas não são iguais, podendo variar de região e de comunidade, assim também a língua de sinais variam. Há línguas de sinais americana, inglesa, francesa e diversas outras línguas em vários países como também a brasileira.

Segundo Gesser (2009, p.11) "nas comunidades de línguas orais, cada país, por exemplo, tem sua(s) própria(s) língua(s)". Sabemos que cada língua tem sua especificidade, seja ela oral, ou de sinais, pois cada país tem uma cultura, há diversificação é um fator que dá o favorecimento da expansão da linguística.

A língua dos surdos não pode ser considerada universal, dado que não funciona como um "decalque" ou "rótulo" que possa ser colocado e utilizado por todos os surdos de todas as sociedades de maneira uniforme e sem influências de uso (GESSER, 2009, p.12).

A língua dos surdos não é universal, nem mesmo a linguagem oral é, pois, cada comunidade tem seu jeito de comunicar e expressar os sentimentos há diversidades de culturas. A língua falada é oral-auditiva, uma língua sinalizada é visual- espacial. Portanto, a língua brasileira de sinais deve ser apresentada a criança com surdez

desde cedo para desenvolver a cognição, dando-lhe suporte para a comunicação, como forma de expressão linguística, para que haja a apropriação da língua.

As formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus referentes ou ainda que de forma icônica, convencionalmente, porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica perspectiva (MEC, 1997, p.20).

Há em cada país ou região, uma cultura diferente tanto na linguagem oral, ou de sinais, daí se dão as diversas formas de se comunicar, pois cada comunidade tem sua cultura para representar, as línguas de sinais não são diferentes.

A língua de sinais é questionada ao simbolizar o retrato da realidade, mas existe sim um uso maior destes sinais icônicos, como exemplo árvore, casa, avião, carro entre outros, mas estas características são também do uso da língua oral, no que diz respeito a onomatopéias: *zumm-zumm*, *toc- toc*, *atchim*, pois essas mesmas representam de acordo com linguagem o seu significado real. Mas não quer dizer que são gestos soltos ou mímicas, e sim linguagem, mas com o uso de sinais que retratam o objeto através do real.

A língua aqui é um sistema de conhecimentos, interiorizados na mente. A gramática interiorizada consiste, de um lado, em uma espécie de dicionário mental das formas da língua e, por outro, em um sistema de princípios e regras atuando de modo computacional sobre essas formas, isto é, construindo representações mentais de combinações categorizadas das formas linguísticas (SANTANA, 2007, p.97).

Podemos ter a percepção de que a língua é de fato importante, os princípios e suas regras gramaticais são essenciais para utilização da mesma de forma correta, o indivíduo consegue mentalizar e construir as representações linguísticas de maneira a reproduzir, ou seja, a mente é um dicionário o qual tem seus princípios baseados em sua cultura.

Segundo Santana o processo de adquirir a linguagem é igual a da criança ouvinte, a autora afirma o processo como poderemos notar a seguir:

O processo de aquisição da língua de sinais é semelhante ao da linguagem oral para criança ouvinte. A criança surda também passa pelas mesmas etapas: estágio do balbúcio silábico (7- 11 meses), balbúcio variado (10-12 meses), jargão (aproximadamente aos 12 meses), primeiras palavras (11- 14 meses), estágio de duas palavras (16- 22 meses) (PETITTO, 2000). Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbúcio manual: o silábico-

combinações que integram o sistema fonético da língua de sinais – e o gestual – que não apresenta organização interna (SANTANA, 2007, p. 104).

A compreensão da gramática é através do conjunto de palavras o qual são representadas com princípios básicos gerais em que todo conjunto de palavra permitam a compreensão dos usuários, assim o uso adequado das estruturas linguísticas fazem interagir com diversas formas da língua.

A libras é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade, mas seguem também princípios básicos gerais (BRASIL,1997, p.23).

Segundo o documento do MEC (1997, p.22), Libras “como todas as línguas, é natural, isto é, ela é por definição natural”. O documento complementa ainda que Libras é, ou deve ser, “a língua materna” do indivíduo surdo, pois eles têm bloqueios na aquisição natural da língua oral, porém eles podem ter o acesso a língua de sinais que são mais acessíveis a eles, mas não deixa de ter suas complexidades como as demais. Os surdos têm as mesmas percepções que as demais pessoas, conseguem ter padrões de vidas como qualquer outro cidadão. Portanto, Libras é o meio para que estas pessoas surdas possam se incluir na sociedade com seus direitos garantidos.

De acordo com Gesser (2009, p. 23), “as pessoas que utilizam da língua de sinais expressam seus sentimentos, emoções e quaisquer ideias de conceitos abstratos”. Os surdos são pessoas normais, pois utilizam da língua de sinais para comunicar com outras pessoas, expressam sentimentos, discutem assuntos políticos, assuntos do dia a dia, entre outros. Há diversas situações em que a pessoa que usa a língua oral faz e que o surdo também pode usufruir, sendo: peças teatrais, contar histórias, piadas, apresentações acadêmicas, pois a comunicação é eficaz como todas as outras, sem que perca o seu significado ou conteúdo.

A partir da perspectiva do documento MEC , as pessoas surdas têm o processo de evolução o autor diz que:

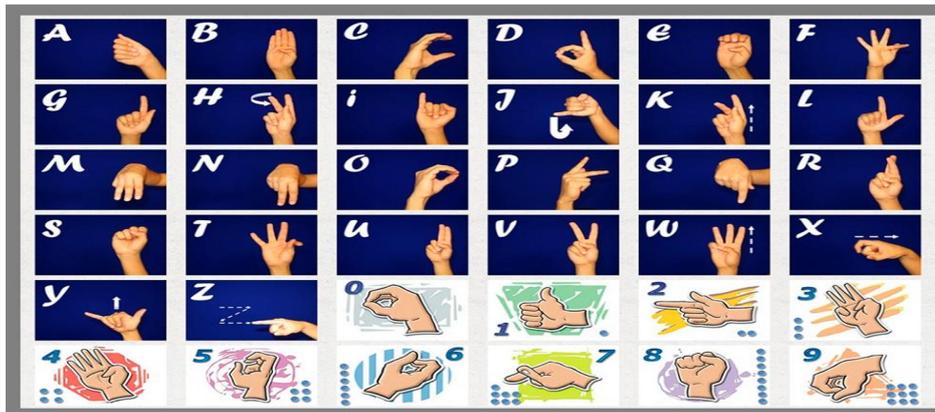
Os indivíduos “normais” parecem utilizar, em sua linguagem , os dois processos: o verbal e o não verbal. A surdez congênita e pré – verbal pode bloquear o desenvolvimento da linguagem verbal, mas não impede o desenvolvimento dos processos não–verbais (MEC,1997, p.279).

Esse contexto é uma referência para a compreensão do desenvolvimento da linguagem do indivíduo surdo, pois a surdez inata, pré-verbal e pode ser que aconteça de impedir a linguagem oral. No entanto, não impede o desenvolvimento oral, ou seja, a fala. MEC (1997) enfatiza que:

A fase de zero a cinco anos de idade é decisiva para a formação psíquica do ser humano, uma vez que nesse período ocorre o ativamento das estruturas inatas genético-constitucionais da personalidade. A falta do intercâmbio auditivo-verbal traz para os surdos prejuízos ao seu desenvolvimento (MEC,1997, p.280).

Gesser (2009) considera que a língua de sinais tem um amparo no alfabeto manual para que facilite a comunicação, no qual tem o recurso de “soletrar nomes próprios de pessoas, ou lugares, siglas, e algum vocábulo não existente na língua de sinais que ainda tenha sinal” (Gesser,2009,p. 29), pois se utilizasse apenas do recurso do alfabeto manual ficaria uma comunicação mais restrita e datilográfica. O autor menciona que no Brasil, o alfabeto manual é composto de 27 formatos (contando o grafema Ç que é a configuração de mão da letra c com movimento trêmulo). Cada formato da mão corresponde a uma letra do alfabeto do português brasileiro, como podemos visualizar na tabela abaixo:

Alfabeto em Libras



Fonte: [www.http://simbolos.net.br/alfabeto-em-libras](http://simbolos.net.br/alfabeto-em-libras)

Há alternativa “bimodal”, ou seja, duas concepções de mensagem, sendo um “audiofonético e um visual motor”. A partir do documento MEC (1997), a mensagem pode ser construída em português, no mesmo tempo em que por fala oral, ou até mesmo corporal. Portanto, esta técnica permite que o educando alcance os objetivos do português dentro da clareza que lhe é pessoal. A partir destas técnicas “bimodal”

(essa técnica foi muito utilizada, hoje já não se usa mais) torna-se presente o português, pois a soletração e seguida de oralização do alfabeto manual, “conforme o método Rochester (USA)”.

é exemplificada por meio de atividades desenvolvidas na sala de aula da pré – escola. Essas atividades se iniciam com jogos tônicos corporais em que os alunos soltam a voz sempre de forma lúdica. Nesses jogos , mudam –se formas bucais , sonorizando as vogais ao mesmo tempo em que se configuram manualmente as letras do alfabeto datilológico, contextualizando exclamações :”o”, num espanto; “i”, por esquecimento; “a”, por satisfação , etc. (BRASIL, 1997, p.93).

Gesser (2009, p.27) afirma que linguisticamente a língua de sinais é língua, pois apresenta as características presentes em outras línguas naturais. Pode ser encontrar nela outras “características, sendo a produtividade, criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade" (2009, p.27). Portanto, a partir da concepção do autor fica nítido que a língua de sinais não são mímicas ou pantomimas, pois a mesma apresenta todos os aspectos linguísticos da língua oral, e humana, não é código dos surdos e não são totais icônicos, ou seja, símbolos da realidade, pois acreditar que a língua de sinais é o alfabeto manual é acreditar que a língua de sinais é limitada, que não é o caso.

Quadros (2004, p.30) “considera a línguas de sinais sendo língua natural e conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhe atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação“. A partir desta perspectiva podemos ressaltar que ambos os autores, Quadros (2004) e Gesser (2009) afirmam as características da língua de sinais para contribuição da comunicação.

No entanto, o alfabeto manual tem uma relação com os usuários da língua de sinais através de representações a partir da língua oral, pois se o surdo fosse utilizar em conversa somente com o alfabeto, ou seja, soletrando a conversa seria extensa e cansativa, mas alguns recursos do vocabulário exige soletrar, utilizando o alfabeto manual, sendo: os nomes próprios, lugares, ou até alguma sigla que ainda não tem o sinal. De acordo com Gesser (2009, p.30), os usuários da língua de sinais, recorrem ao uso da “datilologia para realizar as pontuações, como exemplo as vírgulas, ponto final, ponto de interrogação, sinais matemáticos, etc”.

Há palavras soletradas que podem ser substituídas por sinal, uma vez que o recurso de sinais é para uma comunicação com eficácia, e de entendimento entre os interlocutores. Segundo Gesser (2009, p.30) a partir do uso do alfabeto manual, "alguns elementos linguísticos são "reapropriados" pelos usuários, ou seja, há palavras que são soletradas de forma a se ajustarem às restrições da língua de sinais".

A Língua Brasileira de sinais – Libras e a Língua Portuguesa são as línguas que permeiam a educação de surdos e se situam politicamente enquanto direito. A aquisição dos conhecimentos em língua de sinais é uma das formas de garantir a aquisição da leitura da língua portuguesa pela criança surda. O ensino da língua de sinais e o ensino de português, de forma consciente é um modo de promover educativo (QUADROS, 2006, p.7).

O português para pessoas surdas é tido como uma segunda língua, pois tem um processo de aquisição da aprendizagem que requer estudo, como se fosse ensinar o português para um ouvinte, para o nível fundamental nas séries iniciais pode se ter uma visão de bilíngue, e uma busca a qual ainda está sendo implantada no Brasil.

De acordo com Quadros (2004, p.46) "o termo Libras é comumente usado para referir à língua de sinais brasileira em nosso país". A autora menciona também que internacionalmente ela é reconhecida e reconhecida pela sigla LSB.

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda; tal mudança, portanto não é distintiva (QUADROS, 2004, p.51).

A Libras é articulada com as configurações de mãos, podendo utilizar de expressões faciais, corporal, em algumas circunstâncias podem ser usados os pés (que seria o caso se o indivíduo não possuir os braços) e interessante ressaltar que alguns surdos aprendem a Libras com o toque por serem cegos. A configuração de mão (CM), conforme Quadros (2004), na língua de sinais brasileira tem uma representação com 46 CMs - configuração de mãos, mas, não são todas as línguas de sinais que se utilizam do mesmo inventário de CMs. Segundo Quadros (2004, p.54), para haver movimento é necessário ter "objeto e espaço". Portanto, cada indivíduo tem suas especificidades para que desenvolva o processo ensino aprendizagem.

1.2 CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DA SURDEZ

Intitula-se surdo o indivíduo cuja audição não é operacional na vida diária. Sendo parcialmente surdo, ou seja, não escuta alguns ruídos, sons barulhos, o indivíduo não é deficiente, pois denomina surdez o indivíduo que tem sua capacidade reduzida de percepção dos sons normais. Algumas crianças nascem surdas, outras desenvolvem problemas que acarretam ao longo da vida, outros sofrem algum acidente, ou adquirem certas doenças que as levam a ter surdez (MEC, 1997).

Segundo o documento MEC (1997), a surdez pode ser inata ou adquirida. A principal causa da surdez é hereditária, inata ou ocasionada por viroses maternas, sendo elas: rubéola, sarampo, doenças tóxicas da gestante, sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose, medicamentos ototóxicos utilizados no período da gestação lesam o sistema nervoso auditivo, nos dias atuais tem vacinas que a mãe pode tomar no período pré-natal para que não seja transmitida certas doenças para a criança. A surdez adquirida pode ser por meio de exposição a sons fortes, explosões, doenças, sendo a meningite, predisposição genética, viroses, entre outras... É necessário compreender que a surdez adquirida é associada, mas pode ser evitada. Antigamente a deficiência auditiva era confundida com deficiência mental e até chamado de doidos, mudos, surdos-mudos. Hoje o termo adequado é pessoas com deficiência.

Os termos, surdo e surdez, são preferidos pela sociedade sem conhecimento e por considerarmos que deficientes auditivos e deficiência auditiva são termos que escondem preconceitos com relação às pessoas surdas, cuja falta de audição levou as a desenvolverem habilidades específicas como, por exemplo, “uma língua gestual – visual” (SANTANA, 2007, p.38).

Santana (2007) relata que há duas posições referentes à surdez sendo a primeira essencialmente médica e audiológica, que o surdo tem alternativas para colocar aparelhos, fazer implante coclear, porém tem a outra posição que a educacional, onde os surdos tem a acolhida e tem o contato com a “língua do surdo” (materna), a “língua natural” (Libras – Língua brasileira de sinais). Há questões em que o autor relata que o profissional ao questionar se o surdo quer fazer implante

coclear, ele está tratando o indivíduo com doença, mas quando ele mostra ao indivíduo que ser diferente é aceitar a sua identidade, ele está emitindo juízos de valor.

De acordo com Santana (2007), a língua natural da comunidade surda, para compreensão desta pesquisa é necessário que compreenda as diferenças entre língua e linguagem, pois, língua é um sistema abstrato de sinais de uma comunidade. No caso dos surdos a língua materna é a língua de sinais, ou seja, são símbolos linguísticos para os indivíduos se comunicar.

Portanto, na educação as crianças tem o direito a serem bilíngues, cabe à sua educação ser voltada para o desenvolvimento da Libras e da aquisição da língua portuguesa escrita para que haja um aprimoramento das mesmas.

1.3 TIPOS E GRAUS DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA

O documento do MEC considera que os educandos com de surdez tem a percepção: maior, normal e menor dos sons, de acordo com estas variedades classificam-se graus da perda auditiva. “A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição” (MEC,1997,p.53).

Há dois tipos de problemas auditivos, sendo que o primeiro concerne no ouvido externo ou médio e provoca dificuldades auditivas que é a transmissão de sons, mas normalmente tem tratamento e cura. Já outro tipo é no ouvido interno, ou seja, o nervo auditivo, que é surdez neurosensorial. No diagnóstico da primeira causa de surdez, sendo condutiva e quando o indivíduo perde o volume sonoro, ou seja, tem dificuldade em entender sons baixos e longes. A surdez neurosensorial distorce os sons e corta o volume, ou seja, o indivíduo escuta, porém, descoordenado MEC (1997). A intensidade é que classifica os níveis da audição do indivíduo, sendo: audição normal - de 0 15 dB.

MEC (1997, p. 54) ”considera os graus de Surdez leve – de 16 a 40 decibéis”. Nesse caso a pessoa pode apresentar dificuldade para ouvir o som do tic-tac do relógio, ou mesmo uma conversa baixa (sussurros). Esses educandos com surdez

leve apresentam uma perda significativa de até quarenta decibéis, neste sentido o educando perde a compreensão igualitária dos fonemas das palavras. Portanto, esses alunos são taxados de desatentos, por ter que repetir sempre as explicações, mas é impedido de ter a aquisição normal da linguagem e pode ter dificuldade na leitura ou na escrita, ou até mesmo as duas.

“A Surdez moderada – de 41 a 55 decibéis”. Com esse grau de perda auditiva a pessoa pode apresentar alguma dificuldade para ouvir uma voz fraca, rouca ou o canto de pássaros. Já o educando que apresenta este grau de perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis, tem que ter uma intensidade de voz adequada para que ele consiga acompanhar a explicação, pois tem um limite de percepção da palavra e em alguns casos pode acarretar problemas linguísticos, mas tem uma aptidão para percepção visual, tem dificuldade em alguns casos de gramaticais complexas.(MEC,1997,p.53)

A Surdez acentuada – de 56 a 70 decibéis. Com esse grau de perda auditiva a pessoa poderá ter alguma dificuldade para ouvir uma conversação normal. A Surdez severa – de 71 a 90 decibéis. Nesse caso a pessoa poderá ter dificuldades para ouvir o telefone tocando e sussurros. Surdez profunda – acima de 91 decibéis. Nesse caso a pessoa poderá ter dificuldade para ouvir o ruído de caminhão, de discoteca, o ruído de um avião decolando. O educando que apresenta esta proporção de surdez tem que ter uma aptidão por usar a percepção visual, para melhor compreensão do contexto de cada situação, quando ocorre uma orientação e acompanhamento adequado, a criança pode até desenvolver a linguagem (MEC,1997,p.54)

A Surdez profunda – Esse educando apresenta mais de noventa decibéis de perda auditiva, esta é mais grave, pois priva o educando a identificar a voz humana, sendo assim impede os de desenvolver a linguagem oral de maneira natural. Para que haja a aquisição de linguagem neste educando é uma longa jornada, envolvendo uma série de aquisição do mundo sonoro, como aprender as percepções de comunicações para que se internalize a linguagem (MEC,1997,p.54)

A surdez pode ser ainda classificada como unilateral, quando se apresenta a perda auditiva em apenas um ouvido é bilateral, quando compromete ambos ouvidos. É necessário ter os conhecimentos dos graus e tipos de alunos com surdez para assim

ter o melhor acompanhamento, de forma a incluir este educando na sala de aula, pois quanto maior o grau de perda auditiva mais terá problemas linguísticos, portanto o educando precisará receber atendimento especializado.

A Libras para os surdos, assim como o português falado, para os ouvintes fornecerá todo o aparato linguístico – cognitivo necessário à utilização de estratégias de interpretação e produção de textos escritos. MEC (1997) nos remete que pode ser substituída a fala oral pela língua de sinais, isso garante uma melhor comunicação para o surdo, fornecendo todo processo linguístico, cognitivo necessário para a aquisição, pois, saber escrever ou desenhar as letras não quer dizer que a pessoa saiba ler, porém para atingir os objetivos deve ser levado em consideração o aprendizado e ensino das expressões linguísticas, pois são amparados de significados os quais são de difícil compreensão.

A partir do documento MEC, “na área da deficiência da audição, as alternativas de atendimento estão intimamente relacionadas às condições individuais do educando. O grau da perda auditiva e de comprometimento linguístico, a época em que ocorreu a surdez e a idade em que começou sua Educação Especial são fatores que irão determinar importantes diferenças em relação ao tipo de atendimento que deverá ser prescrito para o educando” (MEC,1997, p.55). Portanto, varia o grau de dificuldade de acordo com o comprometimento da audição da pessoa surda, sendo assim é que determinará o tipo de atendimento especializado que deverá receber.

Portanto, o grau da perda auditiva é fator que delimita a audição da pessoa surda e direciona o atendimento educacional para que haja um desenvolvimento pleno de acordo com a especificidade do educando.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO SURDO

A história da educação dos surdos começa quando estes sujeitos se descobrem e percebem que foram excluídos da sociedade e as contradições desse processo e a luta da comunidade surda para romper com a concepção de educação a partir da perspectiva de ouvintes.

No passado, os surdos eram considerados incapazes de ser ensinados; por isso eles não frequentavam escolas. As pessoas surdas ,principalmente as que não falavam ,eram excluídas da sociedade, sendo proibidas de casar,

possuir herdar bens e viver como as demais pessoas. Assim, privadas de seus direitos básicos, ficavam com a própria sobrevivência comprometida (BRASIL, 1997, p. 283).

Nessa concepção pode ser destacado o descaso com a diferença. Ser diferente nesta época era motivo, o suficiente de ser isolado da comunidade e os direitos de ir e vir não eram garantidos.

Uns dos principais registros que tem da história da educação dos surdos são:

Não havia escolas especializadas para surdos; Pessoas ouvintes tentaram ensinar aos surdos; Giralamo Cardamo, um italiano que utilizava sinais e linguagem escrita; Pedro Ponce de Leon, um monge beneditino espanhol que utilizava, além de sinais, treinamento da voz e leitura dos lábios. Nos séculos seguintes: alguns professores dedicaram – se à educação dos surdos . Entre eles, destacaram-se: Ivan Pablo Bonet – Espanha, Abbé Charles Michel de L´Épée – França, Samuel Heinick e Moritz Hill – Alemanha, Alexandre Graham Bell - Canadá e EUA, Ovide Decroly – Bélgica (MEC, 1997, p. 283).

A partir dos métodos destes professores mencionados acima pode ser ressaltado que o ensino dos surdos tinha que priorizar a língua oral, mas alguns já utilizavam a língua de sinais por meio de métodos combinados, conhecido pelos alunos, ou seja, o método oral e de língua de sinais.

Em 1880, no Congresso Mundial de professores de surdos em Milão na Itália, chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo “método oral puro“, ou seja, sem o uso de qualquer sinal (MEC, 1997, p.284).

O professor francês Hernest Huet, surdo e partidário de L´Épée, foi um educador filantrópico francês do século XVIII (GESSER, 2009) que ficou conhecido como “pai dos surdos”, isto em 1857, quando veio para o Brasil por convite de D.Pedro II, onde fundaria a primeira escola para crianças surdas, chamada na época de Imperial de Instituto de Surdos, depois mais tarde sendo intitulada INES: Instituto Nacional de Educação de Surdos, ainda nos dias atuais é mantido pelo Governo Federal.

Em 1896, o professor A. J. de Moura e Silva do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) viajou para um congresso de Milão para avaliar a decisão tomada“, porém conclui-se que o método oral puro não atenderia a todos os surdos (MEC, 1997, p.284).

No século XX aumentou o número de escolas para surdos em todo o mundo. No Brasil, surgiram o Instituto Santana Terezinha para meninas surdas (SP), a Escola

Concórdia (Porto Alegre – RS), a Escola de Surdos de Vitória, o Centro de Audição e linguagem Ludovico Pavoni – CEAL/LP- em Brasília – DF e várias outras que , assim como (INES) - Instituto Nacional de Educação de Surdos, e a maioria das escolas de surdos do mundo, passaram a adotar o Método Oral:

A garantia do direito de todos à educação, a propagação das ideias de normalização e de integração das pessoas com necessidades especiais e aprimoramento das próteses ortofônicas fizeram com que as crianças surdas de diversos países passassem a ser encaminhadas para as escolas regulares (MEC, p.284).

A garantia do direito à educação para as pessoas surdas de maneira igualitária é um avanço, pois antes os surdos eram pessoas excluídas da sociedade, quando passam a estudar foi em instituições filantrópicas, hoje podendo ter o acesso ao ensino regular e tendo intérprete os fazem sujeitos com direitos.

No Brasil, as Secretarias estaduais e municipais de educação passaram a coordenar o ensino das crianças especiais e a partir deste momento em que surgem salas de recursos e classes especiais para surdos, além de algumas escolas especiais, utilizando dos recursos privados e públicos.

A maioria dos países, inclusive o Brasil seguia os estudos dominantes, ou seja, os ouvintes, onde separavam as crianças surdas das demais, devido aos problemas linguísticos, isto até a década de sessenta, educando-os sob o fator da reabilitação verbal. Já na década de oitenta teve início da educação dos surdos a partir dos campos clínico, terapêutico, pedagógico e linguístico com a perspectiva de integração, tendo a base da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), que garante o direito educacional dos portadores de deficiência ao estudo regular de ensino, Convenção sobre os Direitos da criança (1989), Declaração de Salamanca, resultante da “Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade“ (1994), Política Nacional de Educação Especial (1994), Plano Decenal de Educação para todos (1994) (PORTAL MEC, 1996).

Portanto, a educação do surdo no sistema regular de ensino teve diversos avanços históricos da Educação Especial para ter uma integração desses educandos, em todos os aspectos, sendo a inclusão social, o acesso igualitário ao esporte, laser e inclusão educacional.

2.1 CONQUISTA NA EDUCAÇÃO PARA SURDOS

Segundo Lacerda (2009), acessibilidade para a educação do surdo se dá pela suas conquistas, a política, a inclusão social, acessibilidade ao esporte, lazer, inclusão educacional, Oralismo, Comunicação Total e o Bilinguismo que se refere ao decreto mencionado pelo autor abaixo:

Várias diretrizes e leis orientam as políticas públicas para educação do surdo – a Lei nº 10.098/94, de 23 de março de 1994, que legisla sobre a acessibilidade à língua de sinais, as Diretrizes Nacionais para Educação Especial, Resolução CNE/CEB nº2, de 11 de setembro de 2001, a Lei nº 10.436, de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e mais recentemente o Decreto nº 10.436/02. Toda essa legislação orienta as ações da federação, dos estados e municípios no atendimento à pessoa surda, principalmente no que se refere a educação (LACERDA, 2009, p.23).

É a partir das Leis que regem o direito do indivíduo surdo que podemos perceber a preocupação dos profissionais em divulgar este documento, para que seja de fato cumprido. As conquistas se dão através das Leis e movimentos sociais onde cede o espaço para que a educação dos indivíduos surdos seja discutida de maneira mais ampliada e profunda, ou seja, indo além da sala de aula, alcançando os indivíduos surdos a partir do seu convívio familiar, social e cultural.

A conquista dos surdos mediante a sociedade passa a ser acessível onde a pessoa surda pode ir a um teatro e compreender a comunicação, os avanços alcançaram os seus direitos de preservar a comunidade surda culturalmente, com estas mudanças no contexto escolar também teve progresso e os educandos surdos tendo acesso à cultura, lazer e intérprete em salas de aula.

O Decreto n.5.626, de dezembro de 2005, regulamenta a lei da Libras e o artigo 18 da Lei n. 10.0098, de dezembro de 2002, a partir deste decreto que começa a inclusão social da pessoa surda no contexto escolar.

A Lei Federal n.10.436, aprovada em 24 de abril de 2002, reconhece a Libras como língua oficial das comunidades de surdos, como ela passa a ser conhecida como língua os profissionais precisam conhecer esta modalidade, para mediar esta comunicação entre ouvinte e surdo nas escolas.

O Decreto Federal n. 5626, de 22 de dezembro, determina a inclusão da disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de formações de professores, para que possam fazer parte do currículo escolar, a partir da educação básica, desta maneira haveria escolas bilíngues. O que ocorre, segundo o Decreto , torna a Libras obrigatória apenas nos cursos de graduação, podemos ressaltar que a carga horária é pequena, muitas instituições optam por ter esta modalidade EAD (à distância), o que leva os educadores (professores) a ter pouco conhecimento sobre esta língua se tornando de pouca relevância.

O Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 Art. 13 determina que o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

O acesso das pessoas surdas à educação foi um avanço a qual tem garantido o direito a educação, através da modalidade Libras e das Leis implantadas.

O Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Art. 14 considera que as instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, as pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processo seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até a superior.

Os esforços dos professores e dos profissionais envolvidos na construção do indivíduo surdo são de forma integral, ainda não sujeitos reconhecidos pela sociedade. O artigo IV assegura o atendimento educacional para educando surdo, desde as séries iniciais, seja na sala de aula, na sala de recursos, ou até mesmo no contra turno da escolarização.

Historicamente, a identidade do surdo ainda não é bem reconhecida na sociedade. As leis são recentes para adaptar os surdos no ensino regular e muitos rotulam a língua do surdo de mímica e gestos, mas a identidade deste sujeito vai além. Com o conhecimento da língua de sinais pode se ampliar o desenvolvimento destes sujeitos, no qual por muitos séculos foram esquecidos e até mesmo isolados da sociedade, mas a escola regular tende aprimorar as metodologias aplicadas, para que assim a comunidade surda tenha facilidade na comunicação, a língua majoritária é a

de sinais e através do visual torna se acessível aos educando surdos consequentemente ocorrerá o aprendizado da língua escrita, devido ela ser também visual.

No Brasil, a língua de sinais começou a ser investigada na década de 80 e a aquisição dessa língua nos anos 90. Esses estudos concluíram que o processo das crianças surdas adquirindo língua de sinais ocorre em período análogo á aquisição da linguagem em crianças adquirindo uma língua oral – auditiva (QUADROS, 2006, p.20).

A língua de sinais teve todo um processo histórico, houve uma investigação científica para conclusão dos estudos realizados onde Quadros ressalta a relevância da aquisição da Libras para a criança surda para assim adquirir a língua oral oral-auditiva.

Segundo MEC (1997) no Brasil os primeiros relatos de atendimento a pessoas surdas, foi instituições filantrópicas, associações, com avanços na inclusão social destas pessoas.

No entanto, a educação tem se aprimorado para que haja a educação inclusiva está foi uma grande conquista educacional para os surdos, sendo o direito de ter um intérprete para mediar a comunicação, professor de Libras para desenvolver a linguagem, outra conquista é a acessibilidade ao esporte, laser, cultura, portanto, podemos perceber que estas conquistas são para o desenvolvimento do surdo, os tornados sujeitos de direitos a sua cultura.

3 A LIBRAS – COMO CANAL DE COMUNICAÇÃO ENTRE O OUVINTE E O SURDO

O que se constata é que o ritmo de aprendizagem, devido aos bloqueios na comunicação, costuma ser mais lento, particularmente no período da alfabetização e nas séries iniciais (MEC, 1997, p. 290). A partir das sugestões do currículo o qual é adotado pela educação comum ou regular, traz uma série de estratégias para adaptação dos educando surdos, porém deve-se levar em consideração o ritmo de cada um e os interesses, os quais são cabíveis a sua faixa etária. A instituição deve ofertar aos educando surdos o currículo comum, e os específicos com estratégias exclusivas para o aprendizado dos mesmos para com a língua portuguesa. Segundo MEC (1997), ao referir-se a recepção do ensino no que diz respeito à compreensão oral, facial e leitura, quanto à expressão e uso da língua falada e escrita.

Toda criança surda deve ser dirigida para a estimulação global da criança, com vista a facilitar o desenvolvimento de sua linguagem. Esta estimulação implica: proporcionar à criança a experiências significativas que favoreçam a compreensão e a recepção linguísticas; despertar na criança a necessidade de se expressar, de se comunicar, partindo do ambiente que a rodeia, através de todas as vias perceptivas, a fim de possibilitar a emissão linguística (MEC, 1997, p. 43).

As implicações da surdez não deve ser um fator primordial levando os indivíduos a ter a percepção de limitações intelectuais, pelo contrário, os surdos têm a mesma expectativa do ouvinte só tem um retardo devido às implicações em que a surdez os colocam. Nesse sentido, eles devem fazer parte de programas motivacionais, e não impor que eles comecem a estudar precocemente, para que haja a aquisição da Libras, pois eles conseguem ter esta aquisição deles mesmo.

O surdo se relaciona por meio da língua de sinais com o mundo e ela é a ferramenta que facilita o acesso à cultura, lazer, educação e comunicação, possibilitando o indivíduo aprender valores sociais, mas a característica da língua de sinais não é reconhecida pela sociedade, mesmo sendo reconhecida mundialmente. Desse modo, são impostas regras naturais às ações dos indivíduos, onde são ajustados de acordo com o que está predestinado na sociedade.

Na sociedade há uma luta constante por posições mais privilegiadas e distintas hierarquicamente, que possibilitam mais livre acesso aos bens e à aceitação de uma cultura específica. O surdo trava a mesma luta pelo reconhecimento de suas particularidades sociais significativas para o grupo (MENDES, 2012, p.55).

Questiona-se os direitos dos surdos perante a sociedade, o autor afirma que ainda trava-se a luta pela igualdade da hierarquia, a aceitação está em fase de reconhecimento.

Observa-se, no entanto, que o surdo só tem lutado para ter o reconhecimento, enquanto os das classes ouvintes tidos como normais, tem se dotado de conhecimento cultural, social, sendo apropriado dos conhecimentos e com o uso específico da língua específica os indivíduos tem sido “agente de sua própria construção social” (MENDES, 2012).

No contexto social o indivíduo surdo tem dificuldades em se relacionar com o meio, pois a sua língua os ampara de maneira a adaptar, com suas representações culturais, sociais, nos hábitos e a partir do funcionamento cognitivo, pois produz uma cultura diferente. De acordo com Mendes (2012), o conceito de multiculturalismo passa a dar ênfase à política tirando o foco do homem a partir da segunda metade do século vinte, essa perspectiva reconhece a diversidade cultural, mesmo sendo minoritária.

Como base na comunicação da comunidade surda foi oficializada a Língua de sinais no Brasil, porém ainda não os garantiu os direitos linguísticos, como afirma Mendes (2012), a Língua de sinais tem sido o principal instrumento para luta. Ela assumiu um papel importante nos movimentos para a defesa do indivíduo surdo.

Todavia, a Lei nº 10.436 só foi regulamentada pelo decreto nº 5.626/5, em dezembro de 2005, o que fez com que as providências e os encaminhamentos daquilo que estava previsto que ficassem refreados, aguardando a legislação (LACERDA, 2009).

E notável que os surdos tem se apropriado do conhecimento para garantir o acesso a igualdade, a cultura, lazer, tendo o respaldo do poder público para o acesso também a educação e outros serviços público em que através da Libras tem sido possível. Para Mendes (2012), o surdo não se constitui de uma língua específica, mas através de recursos de comunicação, sendo oral – auditiva, ou gestual com visão.

A partir desse contexto entende se que o surdo tem uma relação diversa com as ferramentas de comunicação seja através da oral auditiva ou gestual visual, ambas complementa a comunicação do surdo para com o mundo, onde a diversidade cultural social foi criada pelos ouvintes.

Após a aquisição da Libras, atividades de leituras coletivas, os textos infantis dentre outros, pode ser aprimorado onde o indivíduo apropria-se do conhecimento como uma segunda língua o que os leva a ler e escrever bem, e por esforço pode ser melhor que os ouvintes na ortografia (MEC,1997).

As línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social. Os surdos brasileiros usam a língua de sinais brasileira, uma língua visual-espacial que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas. É uma língua utilizada nos espaços criados pelos próprios surdos, como por exemplo, nas associações, nos pontos de encontros espalhados pelas grandes cidades, nos seus lares e nas escolas. Sim , também nas escolas (QUADROS, 2006, p.13).

Segundo Quadros (2006), é a partir da língua que o indivíduo se socializa, tem a interação com a sociedade, expressando sua cultura em determinados grupos sociais, há surdos que participam de grupos isolados nas comunidades que utilizam do espaço para fazer socialização com comunicações específicas, até mesmo escolas tem uma sala específica para ajudar no processo ensino aprendizagem, através da Libras, algumas as classificam de AEE - Atendimento Educacional Especializado.

De acordo com MEC (1997), a comunicação deve ser desde o nascimento da criança sem deixar nem um bloqueio para esta aquisição por ser surdo, o primeiro contato é com os pais e eles devem assegurar à criança cuidados para que a mesma tenha um desenvolvimento eficaz, pois a família é o fator primordial para o processo de desenvolvimento da comunicação do surdo.

Para que a criança tenha um desenvolvimento da linguagem, os pais devem ser bem instruídos pelos serviços educacionais, sendo relevante que a criança saiba da sua capacidade de se comunicar, pois desde que nasce se expressam com o corpo, gestos, até por palavras, a família tem que participar agindo normalmente com a criança surda.

Segundo MEC (1997), a família deve participar deste processo de aquisição da comunicação onde a mãe deve comunicar com o seu bebê normalmente como se fosse ouvinte, fazendo perguntas, cantando para ela, contando histórias infantis, contando lhes os acontecimentos diários, porém estes exercícios deve ocorrer com a criança no colo para que a mesma sinta a vibração do corpo. Ao ocorrer a

comunicação com a criança todos os dias ela desenvolve uma percepção onde, elas são conduzidas ao olhar quando estão falando, sentem as vibrações produzidas, pelos familiares.

Portanto, a comunicação deve desenvolver nos anos iniciais, para que haja aquisição, para integrar o surdo na sociedade não como ser patológico, mas como uma pessoa dotada de direitos, pois devem ser integrados numa proposta educacional de comunicação oral e gestual. De acordo com MEC (1997), Libras propõe uma concepção de comunicação total.

3.1 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Na educação dos surdos deve se levar em consideração o tempo de cada indivíduo ,pois, a criança que tem o contato com a Libras como primeira língua poderá ter uma facilidade na aquisição do português escrito, mas é necessário o ensino com metodologias específicas, com recursos didáticos visuais chamativos, a Libras é aquela a qual o ensino deve ser diversificado, pois será a segunda língua.

A metodologia de ensino de português para surdo diz: Se tiverem adquirido desde a mais tenra idade a Libras como primeira língua (L1), as crianças surdas filhas de pais surdos ou ouvintes poderão ter um desempenho melhor do português escrito a partir de uma metodologia de aquisição da escrita adequada às suas especificidades: a) enquanto surdos que são as estratégias devem utilizar recursos visuais; b) enquanto “falante” da Libras, as estratégias devem ser similares àquelas utilizadas no ensino da segunda língua (MEC,1997, p.165).

A primeira etapa da escolarização da criança surda é uma dificuldade enfrentada por alguns pais que não conhecem os direitos que devem garantir a criança, porém a família é o mediador no processo de desenvolvimento da criança surda no que diz respeito a comunicação, os pais facilitam essa comunicação quando:

Conduzem a criança a olhar para eles, enquanto estão falando; fazem a criança sentir como são as vibrações produzidas pelos sons emitidos pelos pais e por ela mesma; colocam as mãos da criança sobre o seu nariz, bochechas, garganta e no tórax, enquanto falam, para que ela perceba com as mãos os movimentos decorrentes da fala e as vibrações produzidas pelos sons; falam com movimentos labiais bem definidos, a fim de que ela compreenda o que estão dizendo, pela observação dos lábios; usam expressões faciais, movimentos do corpo, das mãos, gestos naturais (e até convencionais , conforme a metodologia adotada) para tornar mais clara a

mensagem que estão transmitindo; expressam , no rosto os sentimentos de dor, alegria surpresa, enquanto estão falando, etc (MEC,1997, p.114,115).

Segundo a perspectiva do documento MEC (1997), os pais quando são bem orientados no processo de ensino da criança surda proporcionam oportunidades de desenvolver socialmente com seus familiares, amigos, professores, com outras crianças e adultos, apoderando-se de responsabilidade e harmonia social. Os pais devem ajudar no desenvolvimento de suas crianças educando para que obtenha um comportamento socializado, englobando noções de higiene, ética, moral e até mesmo de religião.

Educar não é fácil, não existe uma receita pronta, mas tem algumas atitudes que podem facilitar o processo dando lhe resultados com a criança surda:

Vê-lo como uma “criança normal”, embora não ouça e necessite de uma atenção particular; acreditar nas capacidades do filho surdo; procurar facilitar-lhe a percepção e compreensão global das situações que ocorrem no ambiente, mantendo-o informado do que está se passando; dar o exemplo é a forma mais segura para a criança surda entender as regras sociais, pois ela aprende com o que vê e não com o que ouve; contribuir sempre para aumentar a autonomia e a segurança do filho surdo a fim de que tenha mais facilidade para enfrentar o mundo com sua capacidade e seus recursos pessoais, porque não terá os pais por perto o tempo todo, disponíveis para resolver suas dificuldades; estabelecer limites e regras claras, objetivas, adequadas e dosadas (MEC,1997, p.118).

Educar com regras é fazer com que seja um cidadão aceitável pela sociedade, com comportamentos sociáveis, com facilidades de se adaptar ao mundo. Toda criança já deve ter estas noções de ensinamento mesmo antes de ingressar nos estudos.

As crianças surdas têm o direito de uma escola comum na sociedade, a participar do convívio familiar, devem ter uma atenção voltada para suas necessidades especiais e específicas. A criança deve ser integrada socialmente, sendo aceita pela sociedade convivendo com todos que são diferentes sem ter preconceito, tendo assim o respeito às diferenças. A integração deve ser vista como um processo dinâmico para viabilizar o surdo a se comunicar com o outro a conviver com os outros, tendo assim a contribuição de todos envolvidos, para evolução em que as tendências internacionais e nacionais pressupõem.

O processo de integração se baseia no princípio de “normalização”, que significa “oferecer aos portadores de necessidades especiais modos e condições de vida diária o mais semelhantes possível às formas e condições de vida do resto da sociedade” (Política Nacional de Educação Especial/ MEC, 1994 (MEC,1997, p.118).

As escolas de pré-alfabetização precisam ter profissionais que estejam altamente qualificados para haver a motivação necessária, orientar os pais e familiares a dar prosseguimento dos estudos realizados em sala. O currículo deve ser demonstrado pelas instituições aos familiares para que a educação propicie ao educando surdo uma educação integradora, mesmo se ela ocorrer parcial, ou seja, somente escrita, ou somente por Libras, pois, deve se facilitar momentos de integração para com os ouvintes.

O papel da família durante a escolarização é relevante para que alcance os fins, a escolarização deve ter início de imediato para as crianças surdas, por meio de programas de “estimulação precoce” que deve dar seguimento na pré–escola, e os demais graus de escolaridade, sendo que precisa ter um atendimento especializado a mais para garantir o aprendizado destes educando conforme a lei assegura a “complementação curricular específica no atendimento educacional especializado” (MEC, 1997, p.121).

Segundo MEC (1997), esse sistema de integração do educando surdo e para que todos possa frequentar uma rede de ensino regular, o professor deve atuar com acesso e permanência dos mesmos, de forma igualitária, deve desenvolver a adaptação utilizando a proposta curricular do ensino regular, utilização de sistemas de comunicação alternativos, inclusive a Língua Brasileira de Sinais, mímicas, desenho expressão corporal e utilizar teste de leituras orofacial.

As competências do profissional que atua em sala de recursos, serviços de itinerância em classes especiais, ou em escolas especiais, são: possibilitar o aprendizado da Língua portuguesa, na modalidade oral ou escrita, Revista MEC (2010), a partir das complementações curriculares específicas, proporcionar o desenvolvimento da Língua de Sinais pelo educando surdo, encaminhar os pais para o envolvimento no processo educacional, assessorar os professores do ensino regular, orientando os com técnicas para avaliação destes educandos .

A proposta curricular para alfabetização do educando surdo deve ser a mesma utilizada pelo ensino regular, porém melhorada com complementações específicas. A complementação curricular adotada no processo de ensino à alfabetização é uma participação da adaptação curricular que atua por meio da educação conforme o movimento da linguagem, cujo conteúdo objetiva – se somente ao aprendizado da língua portuguesa, ou à ensinamentos da língua brasileira de sinais e a aquisição da língua portuguesa numa perspectiva bilíngue conforme segue:

Linguagem; para esta aquisição e uso da língua brasileira de sinais – Libras. "conservação" com outra pessoa surda, ou com professor que domine a língua brasileira de sinais, comparação entre Libras e português. Para o aprendizado da língua portuguesa, na modalidade oral: (em estreita relação com a fonoaudiologia), linguagem funcional, dialógica (conversação), treinamento auditivo, desenvolvimento da fala, respiração, tensão e relaxamento, sensibilidade e mobilidade orofacial, exercícios fonoarticulatórios, ritmo musical, vocabular e frasal, leitura orofacial, na modalidade escrita (apoio às atividades de sala de aula), grafismo, escrita de palavras e frases, produção de textos práticos e/ ou criativos, prática escolar e social (MEC, 1997, p.251).

A disciplina Libras no ensino fundamental ainda em alguns colégios está à parte do currículo, porém segundo o documento do MEC (1997, p.288), "a política educacional brasileira, a educação especial possui os mesmos objetivos da educação geral, já preconizados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº9.493/96". O ensino dos alunos surdos, ou parcialmente surdos deve ser enfatizado na aquisição da linguagem com especificidade em bilíngues se for possível. A educação ainda está em processo de adaptação no ensino para pessoas surdas, os profissionais tendem a aprender esta modalidade para que sejam alcançados os fins almejados pela educação.

As escolas que atendem as crianças surdas, usam recursos e metodologias para ocorrer um desenvolvimento eficaz do currículo, tendo a relação professor aluno, a comunicação em língua portuguesa, seja falada, ou escrita, e também na língua brasileira de sinais – Libras . Se o professor não for bilíngue, precisa ter o intérprete para este educando.

Assim como as aulas de alunos ouvintes partem do conhecimento e realidade deles, as aulas devem ser desenvolvidas a partir do conhecimento também do educando surdo. Para lançar um conteúdo novo deve ser contextualizado com

questionamentos, construir o conteúdo de maneira que chame a atenção, motivar, cativar, pois o professor junto com os alunos pode alcançar os fins almejados.

A realização do conhecimento em língua portuguesa escrita deverá ser necessariamente, posterior ao entendimento independentemente da forma de comunicação adotada: língua portuguesa falada, língua brasileira de sinais, dramatizações, mímicas, pantomímicas, etc. Além disso, a utilização de recursos visuais variados (objetos, gravuras, desenhos, fotos, vídeos, etc.) é de vital importância em todas as fases do processo ensino – aprendizagem (MEC,1997, p.289).

A seriação e currículo do educando surdo deve ser em níveis do ensino básico até o superior, não descartando a possibilidade de aprofundar nas séries iniciais. No entanto, o professor deve estar atento às particularidades de cada indivíduo, pois alguns devem apresentar dificuldades na aprendizagem devido ao bloqueio da comunicação, sendo no período da alfabetização que deve ser assessorado o ritmo de aprendizagem de acordo com suas características e faixas etária.

MEC (1997) afirma que a educação da criança surda deve ter diversos profissionais, destacando a importância do fonoaudiólogo, com o atendimento individual, educação física, artes plásticas, cênicas, musicais, entre outras atividades para propiciar as expressões, além das linguagens faladas, escritas e sinalizadas. “O educando surdo tem como prioridade a comunicação, considerando como objeto de pesquisa da metodologia didática, sobretudo para o ensino da língua portuguesa, falada e /ou escrita” (MEC,1997, p.292).

A escolarização tem como ideal o estudo integral do surdo, para ter um contra turno, dos estudos do currículo regular, pois tem o acompanhamento específico além dos apoios pedagógicos, que são serviços fornecidos pelas instituições especiais, sendo uma delas a sala de recursos. Portanto, o trabalho deve seguir as metas de desenvolvimento que são: “em sua modalidade escrita: registro escrito da língua falada, alfabetização, leitura e escrita de palavras, expressões e frases da língua coloquial e padrão” (MEC, 1997, p.293). Em cada modalidade tem o desenvolvimento a ser seguido.

A coordenação pedagógica tem a função muito relevante no processo de aprendizagem dos educando surdos, entre este processo a organização da escola

deve ser primordial para que haja as adaptações curriculares, levando em consideração as faixas etárias, usando recursos sequenciais crianças pequenas.

Portanto, nesse processo de aprendizagem envolve os aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. Pode ser ressaltado que as habilidades de conhecimentos, podem ser estimuladas e motivadas de acordo com o meio a qual ele está inserido, apropriando dos conhecimentos, porém cabe ao professor mediar o conhecimento e motivando os para despertar o interesse, para que ocorra o processo ensino aprendizagem, e a partir desses conceitos que a disciplina de Libras se baseia na construção do indivíduo, envolvendo os três momentos didático-pedagógico, que são: “Atendimento Educacional Especializado em Libras, Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua portuguesa e Atendimento Educacional Especializado para o Ensino de Libras” (REVISTA MEC, 2010, p.52).

3.2 APRENDIZAGEM DO SURDO

A aprendizagem da Língua Portuguesa nem sempre tem sido alcançado os fins pedagógicos, pois há uma dificuldade dos surdos neste processo, e os professores têm tido esforço constante, para que haja a aquisição da língua portuguesa, com a disciplina Libras sendo uma metodologia aliada neste processo.

Segundo MEC (1997), a língua portuguesa é uma ferramenta linguística, media as duas línguas. A linguagem de um surdo não pode ser comparado com o outro, cada um tem sua aquisição no seu tempo da linguagem. Cada professor tem seu jeito de mediar o conhecimento, porém devem ser atentos a alunos surdos que precisam de uma integração.

E necessário que apliquem métodos que já foram cientificamente comprovados eficazes para os alunos surdos como exemplo os professores de língua portuguesa utilizar vocabulário e comandos simples e claros nos exercícios, não modificar vocabulário, comandos, instruções, e questões na hora da avaliação, dar-lhe oportunidades para ler, escrever no quadro e levar recado a outros professores como os demais colegas; ficar atento para que participem das atividades extras – classe; lembrar-se de que, apesar de ler, ver significativo, a letra, os alunos surdos muitas vezes não sabem o significado daquilo que leram. Muitas vezes não sabem o significado daquilo que leram. Muitos apresentam o chamado de analfabetismo funcional; utilizar

vocabulário alternativo quando eles não entenderem o que estão lendo: “traduzir”, trocar, simplificar a forma da mensagem, resumir, sempre, o assunto (MEC,1997, p.301).

Os métodos afirmados em MEC (1997) são uma sequência onde coloca um indivíduo surdo no seu direito de ser incluído nas instituições na sua totalidade, tendo como ferramentas pedagógicas, o alfabeto manual que deve estar sempre no alcance do indivíduo surdo, o professor regente deve anotar as possíveis dificuldades apresentadas na agenda do educando surdo, para que possa ocorrer o processo de aprendizagem através das aulas planejadas utilizando assim na sala de recurso.

A discussão que permeia a inserção de tecnologia no cotidiano escolar tem causado grande impacto no cenário educacional, as instituições que têm uma resistência no uso de tecnologia. Fernandes (2015) afirma que é um problema e que deve considerar a hipótese uma vez que as crianças têm outras vão ter o contato com essa tecnologia.

A criança surda pode se notar que, mesmo em escolas onde o computador já é uma realidade, sua subutilização tem sido uma constante, ora devido ao total despreparo dos professores frente à tecnologia, ora devido à ausência de produtos de software adequados ou adaptados para essa clientela. A rigidez metodológica tem apresentado sérios problemas no campo educacional toda vez que é considerada mais importante do que a criança. Ao contrário do que propõe essa tendência, acredito que toda escola metodológica deve levar em conta a criança, e não apenas a escola ou o educador” (FERNANDES, 2015, p.41).

Portanto, o professor deve mediar a educação, dando lhes oportunidades a criança surda, através da mediação, utilizando metodologias diferenciadas, recursos visuais e motor, que o aluno consegue a aquisição da língua, neste contexto escolar a construção acontece a partir de um olhar a diferença com igualdade, ou seja, incluir este aluno. Embora Fernandes (2015), salienta que as mudanças devem ocorrer no cotidiano escolar. A competência para a aquisição da linguagem vai além da percepção do alfabeto, ou língua brasileira de sinais, quando facilita a comunicação, possibilita o indivíduo uma série de aquisição e aprimoramento.

Portanto, para que haja a aquisição e possibilidades de se integrar no meio social e cultural a qual o indivíduo pertence, deve ter o acesso igualitário, sendo assim, a educação deve aprimorar seus métodos para que desde as series iniciais e ensino fundamental as crianças surdas começam a aderir uma segunda língua e como

proposta a Libras. O bilinguismo, sendo para o surdo a aquisição da língua de sinais é a língua portuguesa, ou seja, duas modalidades como um meio para facilitar o acesso a educação, e neste contexto que o documento do MEC (1997), relata que aceitar a proposta bilíngue e aceitar as características culturais do indivíduo surdo.

3.3 FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS NA MEDIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ENTRE OUVINTES E SURDOS

As ferramentas pedagógicas são de suma relevância no processo ensino aprendizagem do educando, ouvinte e surdo, porém para o surdo as ferramentas devem ser adaptadas.

Segundo Skliar (1996), “os discursos têm um caráter construtivo, no sentido em que são práticas que formam os objetos sobre os quais falam (SKLIAR, 2016, p.76). O reconhecimento do indivíduo surdo parte do conceito de inclusão social na concepção de Skliar, assim é possível compreender que as práticas realizadas em sala de aula têm um objetivo de construção do sujeito em sua totalidade. Porém as escolas tem sido alvo de críticas pelos pesquisadores, como afirma Skliar: “A escola tem sido alvo para muitos estudos e projetos educativos, políticos e sociais que vem determinando a participação sócio educativa de diferentes grupos econômicos, linguísticos e cultural” (SKLIAR, 2016, p.105). E relevante os projetos educacionais, para que a politica publica educacional invista na educação das pessoas surdas independente de suas classes sociais, ou cultural.

Pensar a escola, a partir do parâmetro linguagem, possibilitara aos estudiosos montar estratégias para que possam ser ouvidos e para que o pensamento escola passe a ver o sujeito como um instrumento/ meio de poder utilizados por ela para impor saberes, culturas, valores e identidades (SKLIAR, 2016, p.107).

As escolas, como alvo de críticas, também podem ter perspectivas de construir sujeitos a partir das suas diversas culturas, e sendo assim, o professor deve sondar as suas vivências culturais para que haja uma comunicação com eficácia e acima de tudo uma integração deste sujeito. No entanto, Skliar relata que “várias são as “narrativas”, reconhecidas como verdades que nutrem o desrespeito às diferenças entre sujeitos e entre grupos culturais” (SKILIAR, 2016, p.105).

Segundo Skliar, o indivíduo precisa compreender a língua para a partir desse contexto conhecer as diversas ferramentas, ou seja, instrumentos para que haja o processo de aprendizagem, mas também pode ocorrer o processo de ensino com as metodologias adequadas, aprimorando os conhecimentos dos indivíduos surdo, a partir dos seus valores e identidade.

O educando surdo pode aprender como os outros educando, porém demanda um pouco mais de tempo, às vezes requer um pouco mais de atenção, não pode deixar de fazer aulas diferenciadas para que ocorra o aprendizado de novas línguas, e disciplina, pois a escola tem como objetivo construir indivíduos reflexivos, críticos e até um desenvolvimento pleno.

A ideia de que para educação de surdos são necessárias técnicas e recursos especializados, e profissionais da saúde atuando junto aos professores, demonstra que a história dos surdos, as trocas sociais entre os mesmos, a comunidade surda, a língua de sinais, os valores, as necessidades políticas, sociais e físicas não intervêm na organização escolar de forma que as identidades que surgem nesse meio podem ser vistas em negociações com esses e outros fatores aqui não mencionados (SKLIAR, 2016, p.11).

Segundo Skliar a educação diária das classes tidas como normais “não pode ser dissociados da inserção, da prática educativa” Os professores devem estar atentos ao inserir na prática pedagógica o aluno surdo, sendo que no ensino fundamental a criança surda tem que desenvolver a sua linguagem para comunicação (SKLIAR, 2016, p.149).

De acordo com MEC, há uma constante busca para que os profissionais se qualifique no processo de ensino, porém o surdo tem receio ,pois os profissionais que lidam diretamente com eles são ouvintes, os surdos temem em não conseguir conservar a identidade , a cultura da comunidade surda.

Desde o início do ensino formal os profissionais envolvidos com as pessoas surdas têm centrado seus esforços no estudo debate sobre procedimentos que privilegiassem ou não a linguagem gestual. Essa preocupação está sempre relacionada a duas considerações: a de que a grande parte dos professores de surdos são ouvintes e de que o meio social e cultural onde os surdos estão inseridos e também, de ouvintes (MEC,1997, p.299).

Diante deste contexto, há uma situação bem retórica em que o ouvinte e o surdo compartilham da mesma cultura e os esforços devem ser considerados a partir da individualidade para depois o social, pois tanto ouvinte como a pessoa surda tende aprimorar a comunicação.

Segundo MEC (1997) a aquisição da língua portuguesa (L2), tem um processo que exige do educando surdo algumas questões internas e externas, sendo determinante para esta aquisição a capacidade para a linguagem.

Já a sequência natural e o período receptível, no que diz respeito a questões da fala “são aprendizado, o ambiente, interação, idade, interesse, motivação, prática social, estratégias de aprendizagem, estilos de aprendizagem fatores afetivos”, porém as aquisições ocorrem naturalmente através da capacidade para linguagem (MEC, 1997, p.171). Portanto, através da aquisição de qualquer língua, seja ela falada, sinalizada ou escrita é possível ter a identificação. Para MEC (1997), a grande problemática da educação de surdos é o processo de aquisição da leitura e escrita de português, mas apesar dos problemas ainda há métodos os quais as escolas utilizam para alfabetizar os alunos surdos (figura 1). No apêndice a figura é uma fotografia que foi retirada na faculdade IFG, durante o processo de pesquisa, onde os profissionais utilizam a metodologia aplicada em sala para ensinar os profissionais que irão lidar com crianças surdas no contexto escolar.

E possível utilizar de ferramentas pedagógicas para que se alcancem os fins, sendo elas: gráfica visual onde o professor apresenta figuras, cartazes, dentre outras. No entanto, para o ensino fundamental 1º etapa faz se necessária ter as ferramentas, ou seja, recursos concretos (figura 2).

O estudo sistemático de Libras e língua Portuguesa escrita não só é complemento necessário ao bom desempenho escolar do aluno surdez, como também é garantia da sua inclusão em escolas comuns (REVISTA EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2010, p.57).

É a partir desse trecho que faz menção da relação do objeto para com a escrita, a ação pedagógica entre o conhecimento e o conhecido, assim estes educandos não ficam restritos ao mundo físico, ou seja, do concreto, pois quando chega na II etapa do ensino fundamental, alguns surdos querem acompanhar o estudo sem o lúdico. Sendo assim, os exercícios podem ser realizados com reflexão, com intuito de ser abstrato, baseando na complexidade do indivíduo (REVISTA EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2010).

A revista da Educação Especial (2010) tem como modelo de planejamento especializado seis modalidades, sendo que o planejamento básico do contexto e do

conteúdo de um momento do atendimento educacional especializado para a pessoa com surdez, o primeiro é o contexto baseado na cultura que o surdo se identifica e do ambiente de aprendizagem, o Egito Antigo, para que eles conheçam um pouco da cultura surda.

Na segunda modalidade, é a conceitualização do contexto que o indivíduo se identifica, para com o ambiente de aprendizagem, sendo: nacionalidade, sociedade, historicidade, cultura, valores humanos, relações sociais, preconceito, tecnologia, linguagem, criticidade, literatura, textualidade, todas essas conceituações são necessária para enriquecer o conhecimento da identidade da cultura surda, desenvolvendo a reflexão e a criticidade dos mesmos.

Na terceira modalidade, as áreas dos saberes científicos, os saberes da geopolítica e ecologia, valores éticos e estéticos, criatividade, comunicação, e expressão, relações intrapessoais, saberes históricos, culturais e sociais, conhecimentos físicos, químicos e matemáticos, movimento corpo e mente, pois todas estas modalidades estão ligadas ao indivíduo para que haja a aquisição dos mesmos.

Na quarta modalidade, são conteúdos curriculares destes contextos identitários (ou seja, que o indivíduo se identifica) e a morfologia da língua portuguesa, leitura de textos, escrita de textos, sistema de numeração romano decimal, operações matemáticas, sólidos geométricos, unidades de medidas – metro, universo e movimento do sistema solar, localização geográfica, o passado, o presente, a água na terra, valores humanos: ação correta, paz, verdade, não violência e amor, estas são questões curriculares que visam o desenvolvimento pleno, de espaço e valores.

Na quinta questão da modalidade, são os significantes e significados desses contextos identitários como a civilização, mitos, mentalidade, faraó, monarca, pergaminho, papiros, decomposição, sacerdotes, astrologia, babilônicos, zodíacos, presságios, sendo que é necessário conhecer a historicidade da civilização o conteúdo deve ser aplicado com os significados.

Na sexta modalidade, são as habilidades ler, escrever, falar, dialogar, relacionar, expressar, experimentar, compreender, conectar saberes, competir, intertextualizar, extrapolar, analisar, sintetizar, avaliar, compor, criar, inventar,

reinventar, transformar, esta modalidade tem em questão construir sujeitos capazes de agir mediante a sociedade.

Entretanto, a Educação Inclusiva é um processo que ainda está se adaptando, visto que as Leis que decretam ser obrigatório ter intérprete em sala são recentes, o conjunto de desenvolvimento da aprendizagem, deve respeitar às diferenças para que ocorra no processo educacional a metodologia do ensinar, através da realidade de conhecimento do educando. Para se obter os fins necessários é preciso que haja, práticas pedagógicas inclusiva , partindo também de gêneros textuais que se tem na sociedade, para ser sujeitos dialógicos, críticos e reflexivo.

4 PESQUISA DE CAMPO

Foi realizada a pesquisa de campo na Escola Municipal Francisco Rafael Campos, situada no Conjunto Planície em Aparecida de Goiânia-GO com caráter intuitivo de relacionar à teoria e à prática pedagógica do educando surdo. As observações a campo foram realizadas no período de 31 de outubro a 06 de novembro 2019. A metodologia de campo foi realizada a partir de observações e questionários aplicados a um professor regente de Libras sendo ele uma pessoa surda, um intérprete e um coordenador pedagógico da instituição, visando à contribuição do desenvolvimento pleno do conhecimento das práticas pedagógicas realizadas com educando surdo.

As observações foram realizadas na sala do 6º ano, pois os de 2º ano não comportariam bem com mais um profissional junto na mesma sala. Nessa sala tem dois educandos surdos, com diferentes personalidades e especificidades para com aprendizagem.

4.1 OBSERVAÇÕES

A instituição dispõe de profissionais para o acompanhamento dos educandos surdos. Foi observado o trabalho pedagógico realizado nesta instituição por indicação, onde a Secretária do Município de Aparecida de Goiânia de inclusão Wuelta, relatou ter profissionais qualificados.

No primeiro dia ao chegar à instituição a acolhida foi com afeto de todos os profissionais e dos educandos, mas um dos educandos teve uma certa rejeição ao saber que teria alguém observando a comunicação e o processo ensino aprendizagem. A intérprete fez a mediação da comunicação, mostrando que seria bom mais alguém ali com eles na sala. Neste dia foi observado também que tem profissionais que nem tentam se comunicar com os alunos surdos, o que faz perceber que não tem a relação professor aluno.

A aula do segundo momento foi Ciências, podemos perceber que a profissional não tinha metodologia para trabalhar com a turma, os alunos surdos são bem organizados, gostam de copiar toda atividade, neste momento percebem que a professora estava passando a mesma atividade e ficam indignados, e a professora

intérprete mediou o diálogo, pois um deles ficou confuso, sendo que a profissional parecia não ter planejado a aula copiando do celular.

O conteúdo aplicado não altera as formas, as práticas pedagógicas são realizadas de acordo com o tempo dos alunos, a professora regente de Artes aplicou a pintura, para eles fazerem recordando a aula anterior que foi por tela de artistas e fez menção do passeio que a escola iria participar. No segundo momento, o professor de Matemática utilizou o método expositivo utilizando o quadro como recurso.

No segundo dia a chegada foi mais tranquila nota-se que se comunicaram mais. O professor regente de Libras mostra as atividades através de imagens retiradas de livros, jornais, revistas dentre outras. Observa-se que o professor explica os conteúdos, aplica as atividades, só depois a intérprete explica o que é para fazer com educandos surdos, para não atrapalhar a dinâmica da turma.

No terceiro dia teve uma atividade de Matemática que chamou atenção. Os educandos surdos têm mais facilidade de compreender o conteúdo de Matemática, do que de Português. O professor de Libras vai até o quadro mostra a relação dos numerais, como se dá a fração, como devem responder a atividade proposta. Quando eles conseguem responder o professor dá um dinheirinho intitulado (oba), para eles ir juntando, pois haverá um dia de shopping na instituição e este será para compras. Quando eles conseguem, ficam muito felizes em realizar a atividade proposta, de maneira incentivada, os professores dizem que está funcionando.

No quarto dia foi emocionante ver como eles conseguem transmitir suas emoções. O professor de Português realizou diversas adivinhações para trabalhar os conhecimentos gerais, a turma foi separada em dois grupos e de acordo que respondesse o grupo ganhava o incentivo, o dinheirinho “oba”. Podemos notar com esta dinâmica que os educandos surdos estavam interagindo, ou seja, incluso na brincadeira, tentavam responder. O intérprete fazendo a mediação da comunicação foi prazeroso notar que eles também faziam parte do jogo.

Portanto, há profissionais que são conteudistas mesmo sabendo da especificidade dos educandos surdos não faz questão de fazer uma aula mais expositiva e dinâmica. No quinto dia a aula foi improvisada com professora substituta.

Ela aplicou a atividade e ficou com eles até o final da aula, neste dia os alunos foram liberados mais cedo devido uma reunião pedagógica e podemos perceber que os educandos surdos percebem que terminou a aula pelo alvoroço que a turma fica. Os professores desta instituição não fazem muito além, pois já têm a mediação pedagógica do professor de Libras e a intérprete, porém o profissional deve ter formação continuada e deve integrar o educando surdo, não excluir como muitos fazem.

4.2 QUESTIONÁRIO COM COORDENADOR PEDAGÓGICO

Esse questionário foi aplicado para verificar como está sendo a relação dos educandos na instituição, com objetivo de relacionar teoria com a prática, pois tem poucos materiais pedagógicos para realizar a pesquisa, elaboramos seis questões para analisarmos a inclusão dos surdos.

Iniciamos perguntando quantos educandos surdos têm nas instituições a mesma respondeu que “tem dois”, mas não especificou em qual horário, ou turno. Percebe-se que a profissional executa o trabalho proposto a ela, mas não tem uma relação com os alunos, e a resposta ficou vaga, pois a mesma tinha me informado que na instituição tinha mais educandos surdos.

Em seguida foi perguntado quais são as ferramentas pedagógicas da atualidade que a escola disponibiliza para o processo ensino aprendizagem dos alunos surdos. Tendo como resposta, “sala de robótica e biblioteca”. A instituição tem mais recursos para utilizar além da robótica e biblioteca, tem televisão que um recurso visual, tem fichas de adivinhações que são ferramentas visuais entre outros que notamos na instituição.

Na questão seguinte indagamos como avaliaria o processo ensino aprendizagem através das metodologias aplicadas em sala de aula, e a mesma pontuou que a escola é de 2° fase há vários professores do 6° ao 9° ano cada professor através de prática baseia a aprendizagem dos alunos e, ela percebe algumas metodologias diferenciadas. Nesta questão podemos considerar que a mesma está muito ocupada com outras atividades, não percebendo o trabalho realizado pelos professores.

Na pergunta seguinte foi questionado sobre quais caminhos a prática pedagógica para educando surdos deverá partir. Tivemos como resposta, “a escola dispõe de intérprete de Libras e professor de Libras, os conteúdos, dos outros professores, das outras disciplinas de Libras para auxiliar e facilitar a aprendizagem dos surdos”. A resposta foi satisfatória, pois na pesquisa percebemos que a educação do educando surdo deve partir da inclusão.

A próxima pergunta foi se para atuar com deficiente auditivo requer que as pessoas que conviviam com ele tenham condutas que favoreçam e auxiliem seu desenvolvimento integral e, a resposta foi afirmativa. A partir desta concepção podemos ressaltar que o profissional deve garantir o direito pleno deste cidadão e sendo um exemplo, pois alguns alunos seguem o padrão do professor.

A última questão direcionada a coordenadora foi, quais são as dificuldades no ensino aprendizagem da língua pelos educandos com surdez, foi respondido que “acredita que falta de conhecimento das pessoas sobre a Libras e a surdez dificulta o processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos”. Através das observações podemos perceber que este padrão de não conhecer a Libras tem se modificado, alguns profissionais ensinam os outros educandos para ter uma comunicação entre ambos é a dificuldade existe por parte dos educandos surdos, mas com bons profissionais que buscam aprimorar o processo de ensino conseguem alcançar os fins.

4.3 QUESTIONÁRIO COM INTÉRPRETE

O quadro de profissionais que integra essa instituição visa o desenvolvimento pleno do aluno surdo e não poderia deixar de entrevistar a intérprete de Libras, pois a mesma se disponibilizou em nos auxiliar com as informações necessárias, tendo como objetivo aprimorar a pesquisa realizada, mostrando o que este profissional tem a acrescentar no desenvolvimento e na inclusão do surdo.

Na primeira pergunta foi que a partir do discurso que constitui a política, aprende-se que a relação professor aluno e, portanto, a construção dos conhecimentos escolares, já o professor que envolve as Libras, você tendo a responsabilidade de traduzir e interpretar, como se dá com a Libras na comunicação

entre o ouvinte e o surdo. Ela respondeu que “sua função hoje é possibilitar a comunicação entre os ouvintes e surdo na sala de aula, isso se dá por explicar aos alunos ouvintes como o surdo aprende e ensina Libras para eles também“. Podemos notar que o professor mediador utiliza o ensino desta língua para que os demais colegas da classe se comunicam com os surdos e este profissional se preocupa com este processo, ele ensina como pedir algum material emprestado para com o surdo, dentre outras comunicação para se obter a inclusão .

A segunda questão foi se ela considera que estão sendo capacitados para comunicação plena com o ouvinte, a resposta foi negativa, e complementou que “o bilinguismo envolve mais do que aprender e ensinar Libras. Envolve a família aceitar e aprender também a Libras”. A resposta desta questão foi satisfatória visto que a família deve trabalhar em conjunto com a escola para que haja a aquisição desta linguagem.

Na terceira questão foi sobre é tendo o direito resguardado do acesso a fonoaudióloga, professores, instrutores, intérprete de Libras se ela considera que é o suficiente para que esses educandos consigam ter uma educação de prioridade. A mesma respondeu que “não é suficiente porque a Libras envolve um processo para aprender, é uma língua como qualquer outra e precisa de tempo, dedicação e contato do aluno surdo com a Libras na escola e em casa”. A percepção desta profissional é eficaz visto que ainda tem muito que aprimorar para alcançar os fins pedagógicos e o conhecimento da sociedade em geral.

A questão seguinte foi sobre as ferramentas pedagógicas que são utilizadas em suas aulas. A mesma respondeu que usa imagens da internet, imagens de livros e jornais, textos e palavras de livros e atividades adaptadas com imagens. Segundo a pesquisa realizada podemos notar que a questão respondida está de acordo com os parâmetros curriculares, visto que os educando surdos são visual–motora, ou seja gestual.

A última questão foi se ela acredita que a comunicação entre ouvintes e surdos é o suficiente para que o surdo se inclua na sociedade. “A resposta foi, que é possível que o surdo se inclua na sociedade, mas se ele vai conseguir se destacar no mercado de trabalho ai é bem diferente”. A resposta desta questão não foi satisfatória, pois a

questão foi sobre a comunicação e como estes educandos conseguiriam se incluir na sociedade e hoje podemos perceber que os surdos tem acesso igualitário na sociedade, portanto, tem se incluído os surdos em todo espaço da sociedade, com desenvolvimento pleno.

4.4 QUESTIONÁRIO COM O PROFESSOR DE LIBRAS

O questionário feito com o professor de Libras foi respondido por ele mesmo, pois esse profissional é surdo. E a perspectiva é para contribuir na pesquisa de maneira que possamos perceber que até as pessoas surdas estão se incluindo em todo espaço na sociedade, este professor é uma prova de que a sociedade está avançando no processo de inclusão social.

O questionário inicia com a pergunta se ele consulta a ficha individual de seus alunos, verificando se há diagnóstico referente à deficiência auditiva. Ele disse que verifica "aluno tem dificuldade diferente tem buscar, entender melhor". No primeiro momento quando o professor afirma que busca olhar a ficha do aluno nota se que é um profissional que se preocupa em saber da realidade de seus alunos para saber trabalhar com os eles, porém quando ele justifica fica sem coerência.

A seguinte pergunta foi direcionada a como ele faz quando percebe que o educando durante as atividades tem dificuldade referente à discriminação auditiva. O mesmo respondeu que "mudar ensino usar imagens, objeto concreto". Porém na prática não foi o que notamos, o professor utiliza muito imagens e a Libras, ou seja, só foi comentado o uso do concreto, mas não são aplicados durante a prática pedagógica.

A próxima questão é há quanto tempo ele atua na área de educação especializada e ele respondeu que "tem 20 anos de experiência educacional". Por estar tanto tempo na rede dá uma acomodada, foi o que este profissional demonstrou durante as observações.

Em seguida foi perguntado quais metodologias ele utiliza para que ocorra uma aprendizagem, ele disse que: "ensinar conceito, palavras e mostrar imagens". Há uma acomodação de resposta por parte deste profissional, não tendo como analisar a resposta, portanto, não foi satisfatório.

A pergunta seguinte foi qual é a problemática maior referente a educando surdos; a resposta obtida foi que “aluno, a família não sabe Libras”. Esta pergunta foi direcionada para saber como lida com problemas em sala de aula quando diz respeito ao educando surdo, quais são eles tido com frequência, acreditamos que esta problemática vai além da sala de aula e este profissional correspondeu a esta expectativa.

A pergunta a seguir foi sobre os quais recursos pedagógicos é mais bem aceito por educando surdos, ele respondeu que são objetos concretos e imagens de livros. Visto que esta resposta é coerente para com a pesquisa realizada, podemos perceber que a teoria é uma base esplendida para alcançar os objetivos que o processo ensino aprendizagem, que ainda esta se aprimorando com avanço na educação.

4.5 Análise dos resultados

As práticas de ensino-aprendizagem têm sido aprimoradas a cada século que passa. No que diz respeito aos educandos surdos não tem sido diferente, o atendimento educacional tem se especializado para que haja uma inclusão social dos mesmos. Dessa forma, compreendemos que a exclusão social e educacional destes indivíduos tem deixado de ser a realidade de muitos, com o conhecimento deste estudo realizado, podemos perceber que o fracasso escolar do processo educativo destes surdos se dá pela falta de qualidade para com a prática pedagógica, pois, não é problema isolado de identidade cultural, social, ou por falta da língua, mas por falta do aprimoramento dos profissionais que tem relação direta com os educando surdos.

Dessa forma, precisa praticar o conhecimento das vivências do surdo para as aulas partir do conhecido, das experiências, organizando assim o conteúdo curricular numa visão ampla, sem a hierarquia. Sendo assim, o conhecimento não ficará fragmentado, pois o ensino deve centrar no indivíduo, em suas capacidades, para depois o desenvolvimento do conhecimento geral. Um dos focos que deve ser primordial na educação do surdo é a transformação das instituições tendo como perspectiva a inclusão, partindo do diálogo, pois são seres dialógicos. A transformação deve ocorrer primeiro no contexto educacional com ferramentas adequadas e adaptadas, ou seja, o professor deve ser o agente transformador com práticas pedagógicas conectadas com a teoria e a prática.

Os educando surdos são pessoas capazes de produzir e constituir se de diversas linguagens, tendo a capacidade para aquisição dos processos visuais – gestuais, ler, escrever e alguns conseguem desenvolver a fala oral.

Portanto, nesta pesquisa tivemos o objetivo de abordar a importância da utilização de ferramentas pedagógicas para que haja práticas na inclusão social do surdo. A pesquisa foi com o objetivo de averiguar o desenvolvimento do surdo, objetivando o seu desenvolvimento por completo, foi satisfatório, sabendo que a educação ainda está em processo de adaptação, tendo profissionais que buscam avançar para o ensino ser de qualidade. Há especificidade de cada pessoa que faz ter o material adaptado, as séries iniciais requer do profissional pedagógico que adapte o material para melhor trabalhar o concreto, pois nesta fase do ensino fundamental as crianças surdas aprendem a partir do real.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que professores e profissionais da educação tem um amplo conhecimento no qual precisa pôr em prática, mas na perspectiva pedagógica temos uma educação ideal, que a teoria que aprendemos no decorrer deste curso. Porém, visando o desenvolvimento do profissional, o mesmo precisa sair da comodidade levando em consideração a escola real.

Diante dos questionários que foram destinados a profissionais que lidam direto com a realidade desses educandos, percebemos que tem relação professor aluno,

quando o profissional dialoga com educando e parte da realidade do aluno para aplicar o conteúdo, mas a abordagem do contexto de construir cidadão crítico e reflexivo precisa ser aprimorada, com atividades mais concretas e da realidade do século XXI, sendo que há ferramentas que possam estimular a visão deste educandos surdos, aguçando de forma prazerosa.

Durante a observação feita em sala de aula percebemos que ainda há muito o que ser adaptado, pois estes educando precisam ser incluídos na totalidade e não de forma fragmentada. Os aspectos cognitivos e individuais têm sido respeitados por estes profissionais e nota-se que os professores tanto regente, como a intérprete de Libras domina bem a língua brasileira de sinais, o que facilita muito a mediação pedagógica. Porém, o uso adaptados de ferramentas pedagógicas são escassas, a intérprete relata que as crianças do ensino fundamental de segunda etapa não gostam de que utilizem as adaptações com eles, já no ensino fundamental primeira etapa é de suma relevância o uso das ferramentas.

Para que os educandos surdos tenham a inclusão em sua totalidade e como objetivo de promoção a um atendimento eficaz, o desenvolvimento dos mesmos valorizando sua cultura, sua identidade e sua capacidade devem ser levados em considerações. Visto que os professores tem esta preocupação quando relatam que a criança a qual eles atendem tem uma diferença de comportamento e aceitação de sua identidade, uma delas, os familiares fazem curso de Libras para comunicar com ela, já a outra criança e desligada dos parentes, tendo um pai idoso que cuida do mesmo, e ele tem um comportamento agressivo, não gosta muito do contato com o próximo, o que dificulta um pouco a integração social. Essas crianças que são atendidas nesta instituição tem uma comunicação com os ouvintes, visto que o professor de Libras junto com a intérprete realizam um trabalho exemplar ensinando as criança do convívio deles a se comunicar.

Esta pesquisa contribuiu para que compreendesse que a prática pedagógica, deve estar ligada com a teoria e a prática, sendo fundamental a participação de todos os envolvidos na formação destes educando surdos devem contribuir para que ocorra o processo de aprendizagem.

As políticas públicas educacionais deveriam também investir mais nos profissionais que atuam direta, ou, indiretamente no processo educacional do indivíduo surdo, visto que uma vez um profissional qualificado e com aprimoramentos, tem mais oportunidades de contribuir para o processo ensino aprendizagem.

6 APÊNDICES



Figura 1(Fotografia retirada na faculdade IFG- Instituto Federal de Goiás)



Figura 2 (Fotografia retirada na faculdade IFG- Instituto Federal de Goiás)



Figura 3 (Fotografia retirada na faculdade IFG- Instituto Federal de Goiás)

Entrevista com professor de libras

- 1) Enquanto pedagoga você consulta a ficha individual de seus alunos, verificando se há diagnóstico referente à deficiência auditiva?

Sim, Aluno tem dificuldade diferente tem
 buscar na ficha entender melhor.

- 2) Quando você percebe que o educando durante as atividades tem dificuldades referente a discriminação auditiva o que você faz?

mudar ensino usar imagens objetos concre-
 to.

- 3) A quanto tempo você atua na área de educação especializada?

tenho 20 anos de experiência educacional

- 4) Quais metodologias você utiliza para que ocorra uma aprendizagem eficaz?

ensinar ~~concreto~~ palavras e mostrar ima-
 gens. (concretos)

- 5) No ensino fundamental, qual é a problemática maior referente a educandos surdos?

Aluno, família não sabe LIBRAS.

- 6) Quais recursos pedagógicos e mais bem aceito por educandos surdos?

Objetos ~~concretos~~ concretos e imagens livros

- 7) Com que frequência você utiliza as novas tecnologias de informação e comunicação em suas aulas?

não tem esse recurso na escola
alunos 6º ano

- 8) Ao utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação, qual a principal dificuldade que você acredita que o educando surdo possa enfrentar?

não tem uso computador 6º ano

Nome: Alexandra Miranda Fideles

ENTREVISTA COM INTERPRETE

- 1) A partir do discurso que constitui a política, aprende-se que a relação professor aluno e, portanto, a construção dos conhecimentos escolares, já o processo que envolve as libras, você tendo a responsabilidade de traduzir e interpretar, como se dá com esta possível língua na comunicação entre o ouvinte e o surdo?

A minha função hoje é possibilitar a comunicação entre ouvintes e surdos na sala de aula, isso se dá por explicar aos alunos ouvintes como o surdo aprende e ensinar libras para os

- 2) A educação dos surdos tendo o direito do bilinguismo, você considera alunos que estão sendo capacitados para comunicação plena com o ouvinte? também.

Não, porque o bilinguismo envolve mais do que aprender e ensinar libras. Envolve a família deitar e aprender também a libras.

- 3) Tendo o direito resguardado do surdo para com a fonoaudióloga, professores, instrutores e interprete de libras você considera que isto é o suficiente para que estes educandos consigam ter uma educação de prioridade?

Não, porque a libras envolve um processo para aprender, é uma língua com qualquer outra e precisa de tempo, dedicação e contato do aluno surdo com a libras na escola e

- 4) Quais ferramentas pedagógicas são utilizadas em suas aulas? em casa.

Imagens da internet
Imagens de livros e folhais
Cartões e palavras de livros
Atividades adaptadas com imagens.

- 5) Você acredita que a comunicação entre ouvinte e surdos são o suficiente para que este educando se inclua na sociedade em pleno século XX/ ?

Sim é possível que o surdo se inclua na sociedade, mas se esse aluno surdo vai conseguir se destacar no mercado de trabalho até é bem diferente.

Entrevista para o coordenador pedagógico

1) Quantos alunos surdos a instituição atende ?

02

2) Quais são as ferramentas pedagógicas da atualidade a escola disponibiliza para o processo ensino / aprendizagem?

com sala de recursos e laboratório

3) Como você avalia o processo ensino aprendizagem através das metodologias aplicadas em sala de aula?

A escola é de 2ª fase, vários professores, 6º ao 9º ano. Cada professor trabalha a aprendizagem dos alunos, utilizando algumas metodologias diferenciadas

4) A prática pedagógica para educandos surdos deverão partir de quais caminhos?

A escola dispõe de intérprete de Libras e professor de Libras, os conteúdos dos outros professores, dos outros disciplinas são trabalhados pelo professor de Libras para auxiliar e facilitar a aprendizagem dos alunos surdos.

5) Atuar com o deficiente auditivo requer que as pessoas que convivam com ele tenham condutas que favoreçam e auxiliem seu desenvolvimento, a instituição auxilia como neste processo para o desenvolvimento integral do educando surdo?

Sim

6) Quais são as maiores dificuldades no ensino aprendizagem da língua pelos educandos com surdez no século xx1

Acredito que a falta de conhecimento das pessoas sobre a língua e a surdez dificulta o processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos.

Patricia Julia Daher Padique

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Elizabeth Crepaldi de. **Atividades ilustradas em libras**. 2ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2013.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de sinais**/ organizado por Lucinda F. Brito et.al.- Brasília: SEESP,1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **A Educação dos Surdos**/ organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: MEC/SEESP,1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Deficiência auditiva**/organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: SEESP,1997.
- CASTRO, Alberto Rainha de Carvalho, Ilza Silva. **De comunicação por língua brasileira de sinais**: livro básico. 3 ed. Brasília: SENAC, DF,2013.
- CIBEC. **Inclusão**. Revista Brasileira de Inclusão. V. 5, n. 1. (jan.jul). Brasília. Secretaria de Educação Especial, 2010.
- DANIEL, Choi. **Libras**, conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.
- FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto**: Curso Básico: Livro do Estudante. 9°ed. Rio de Janeiro: Walprint Gráfica e editora, 2009.
- FERNANDES, Eulália. . O professor como mediador. In: Silva, Ângela Carrancho da. (org). **Surdez e Bilinguismo**. 7° ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.
- GARCIA, Eduardo de Campos. **O que todo pedagogo precisa saber sobre libras**: os principais aspectos e a importância da língua brasileira de sinais. 2° ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2015.
- GESSER, Audrei. **Libras?** Que língua é essa? Crença e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- LACERDA, Cristina B. **Intérprete de libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental - Porto Alegre: Mediação, FAPESP, 2009.
- MARIA, Cecília Moura. **Língua de sinais e educação do surdo**. São Paulo: Tec Art, 1993.
- MENDES, Waléria Batista da Silva Vaz. **Cultura Surda e Jovens(manuscrito): desafios e impasses no espaço escolar** . Pontifica Universidade Católica de Goiás,2012.
- PARÁNA, Secretaria de Estado da Educação. **Aspectos linguístico da língua brasileira de sinais** / Secretaria de Estado da Educação , Superintendência de Educação .Departamento de Educação Especial,- Curitiba: SEED/SUED/DEE,1998.

PIRES, Edna Misseno. **Libras**: Língua brasileira de sinais. Goiânia: Ed. da PUCGO, 2015.

QUADROS, Ronice Mulher de. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de sinais**: instrumento de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Mulher de. **Educação de Surdos :a aquisição da linguagem** .Porto Alegre : Artmed,1997.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurololinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SKLIAR, Carlos, **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Carlos Skliar (org.). 8 ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SITES:

www.libras.org.br/leilibras.php

www.cidadaopg.sp.gov.br/pdf

www.Libras.com.br/ines.pdf

www.udesc.br/documentos

www.http://www.planato.gov.br/civil

www.http://simbolos.net.br/alfabeto-em-libras

www.:hpttp://sp.feneis.org.br/

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626m

<https://www.jusbrasil.com.br > busca > q=Art.+13+do+Decreto+5626>